



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 19 DE DEZEMBRO, DE 2022 - 21H30



“Filha da Mãe”, de João Canijo

Realização: João Canijo; Assistente de realização: Manuel João Águas, João Fonseca; Script: Rita Cardoso Pires; Argumento: João Canijo, Olivier Assayas, Teresa Villaverde, Paulo Tunhas, Manuel Mozos; Direcção de fotografia: José Luís Carvalhosa; Direcção de fotografia - 2ª equipa: João Guerra; Decoração: Zé Branco; Guarda-roupa: Mariana Sá Nogueira; Guarda-roupa de Lídia Franco: Manuela Gonçalves, Paulina Figueiredo; Guarda-roupa de Miguel Guilherme, Digo Dória, João Cabral: Mr. Wonderful ; Maquilhagem: Teresa Águas; Música: Carlos Martins; Montagem: Sabine Franel; Assistente de montagem: Luís Amaro; Som: Vasco Pimentel; Som - 2ª equipa: Francisco Veloso; Bruitage: Gil Bast; Misturas: Alain Garnier; Produção: Paulo Branco; Etalonagem: Teresa Ferreira

Com Rita Blanco (Maria), José Wilker (Álvaro), Lídia Franco (Júlia), Miguel Guilherme (Gigi), João Cabral (Adriano), Diogo Dória (Lázaro), Adriano Luz (Vito), Alexandra Lencastre (Lilita), Antónia (ela mesma), Vasco Sequeira (polícia), Ana Maria Pita (Bia), Aparício (guarda do teatro), Manuel João Vieira (mãfio), Elsa Bruxelas (mula), Suzana Pinto Machado (namorada de Lázaro), Lígia Noémia (rainha do cabaret)

Duração: 102 minutos; Estreia: 04 de Maio 1990 no Fórum Picoas e Plaza (Lisboa) e no Theatro Circo (Braga)

“Filha da Mãe”, de João Canijo

O segundo filme de um jovem realizador português confirma alguns traços pessoais, perde-se em pequenas cenas e torna-se perturbante quando finalmente se encontram duas fortes personagens.

A mais evidente afinidade entre "Filha da Mãe" e "Três Menos Eu", o primeiro filme de João Canijo, é o triângulo sentimental. No outro filme um rapaz circulava entre duas raparigas, neste um homem circula entre duas mulheres. Mas em "Filha da Mãe" a relação triangular tem uma maior intensidade (questão física que se deve entender no sentido perturbante da relação entre três corpos) e é também mais generalizada.

Júlia (Lídia Franco) mantém uma relação com Gigi (Miguel Guilherme), que por sua vez tem uma relação com Dalila (Alexandra Lencastre). Na relação mãe-filha entre Júlia e Maria (Rita Blanco) vem interpor-se Álvaro (José Wilker). Entre os dois triângulos é Júlia o factor comum; mas há outras relações. Por exemplo, o namorado de Maria, Adriano (João Cabral) trafica com Gigi, que para esse fim se vale dos apoios monetários, voluntários e involuntários, de Júlia. É a troca um elemento constitutivo de todas as relações? Sim, mas não apenas como comércio sujeito a pagamentos monetários. Cada personagem exige a outra, ou outras, algo mais do que elas supõem poder dar-lhe e a lógica geral da circulação sobrepõe-se aos acordos mútuos - o roubo é uma parte integrante da troca.

Recordar-se-à que no filme anterior de Canijo a introdução de um dos elementos do trio, o rapaz, ocorria pelo roubo de uma cassete numa loja de discos, e que "O Roubo" foi o título inicial deste segundo filme. Independentemente da alteração do título, o roubo é uma forma de transacção marcante em "Filha da Mãe", sublinhada pela presença de mais duas personagens, dois cúmplices de Adriano, Lázaro (Diogo Dória) e Victor (Adriano Luz).

A insistência é mesmo excessiva, porque tende a focalizar a noção do roubo em actividades publicamente marginais às relações sociais admitidas, desviando-se do campo íntimo e afectivo onde ela é dramaticamente mais forte. Torna-se nítido o desequilíbrio entre duas partes do filme, a primeira sendo sobretudo uma crónica das pequenas trocas e delitos, a segunda concentrando-se na relação entre Maria e Álvaro e na consequente exclusão sentida por Júlia e Adriano.



João Canijo é um caso, raro em Portugal, de coexistência do encenador teatral com o realizador cinematográfico. Entre as duas actividades um forte denominador comum é o trabalho com os actores. Neste caso, a relação estabelece-se também pela presença explícita no filme de cenas de uma representação teatral, observadas directamente pela câmara cinematográfica ou através de re-produção em vídeo. É uma cena primitiva, a de Clitemnestra e Electra, quer num sentido mitológico (uma das cenas fundadoras do teatro europeu, se recuarmos até à "Oresteia" de Ésquilo), quer no sentido psicanalítico da relação entre a mãe e a filha da qual a primeira excluiu o pai.

É óbvia, demasiado óbvia, a duplicação das cenas; começamos, por exemplo, por ver Júlia ensaiar uma cena com a sua filha, e veremos depois que no teatro o papel é interpretado por Dalila, de facto rival de amor de Júlia, como Maria tentará rivalizar com a mãe na relação com Álvaro. A teatralidade é redundante e mesmo gratuita, no modo como os actores se exibem em gesticulações estereotipadas ou poses grandiloquentes. Apenas na sequência final, e por uma opção bem simples, mas coerente (o antepenúltimo plano, "desfecho" da acção, é filmado exactamente como uma cena em cima do palco, com um cenário de três paredes), as relações entre as personagens e a representação teatral se tornam equivalentes e não apenas duplicação. Mas entretanto ocorrera, depois das cenas caricaturais da primeira parte, uma mudança: a efectiva entrada em cena de uma pers-nagem, Álvaro, e de um actor, José Wilker.

"Filha da Mãe" é, para além das conotações da expressão em linguagem corrente, aquela que não é filha de "pai e mãe", por aquele estar ausente. Para Maria, essa ausência não pode deixar de ser sentido como um roubo por parte



da mãe - ela retirou-lhe o pai. Para Álvaro, regressado de um passado obscuro e de paragens distantes, a recusa de Júlia em apresentar-lho o filho (ou filha) de ambos, aquele de que ela estava grávida quando Álvaro partiu é outro roubo - ela apossou-se sozinha da sorte do filho de ambos (abortou, diz).

É Maria filha daquele pai? Nunca o saberemos, elemento fundamental da perturbação e intensidade da segunda parte, quando enfim o filme se concentra nas relações entre Maria e Álvaro, nos contraditórios receios e desejos de posse de outrem, no sentimento de Júlia e Adriano de terem sido roubados.

Como segundo filme, Canijo fez dois, o da primeira e o da segunda parte. Seguindo a ordem cronológica, o interessante é então o seu terceiro filme, de que o segundo foi um esboço caricatural.

Augusto M. Seabra
Público, 4 de Maio de 1990



Filmografia de João Canijo

“Mal Viver” (2022), “Fojos” (2020), “Fátima” (2017), “Portugal - Um Dia de Cada Vez - Diário das Beiras” (2017), “O Dia do Meu Casamento” (Curta - 2016), “Portugal - Um Dia de Cada Vez” (2015), “Guia de Portugal” (Série TV - 2015), “É o Amor (Obrigação)” (2013), “Raul Brandão Era Um Grande Escritor...” (Curta - 2012), “Obrigação” (2012), “Trabalho de Actriz, Trabalho de Actor” (2011), “Um Filme Português” (2011), “Sangue do Meu Sangue” (2011), “Fantasia Lusitana” (2011), “Mal Nascida” (2011), “Noite Escura” (2003), “Ganhar a Vida” (2000), “Sapatos Pretos” (1998), “Filha da Mãe” (1990), “Alentejo sem Lei” (Série TV - 1990), “Três Menos Eu” (1987), “A Meio Amor” (Curta - 1983)